

A VARIÁVEL SEXO/GÊNERO¹ NA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE OS DADOS LINGUÍSTICOS²

THE VARIABLE OF SEX / GENDER IN VARIATIONIST SOCIOLINGUISTICS: A CRITICAL LOOK AT LINGUISTIC DATA

Rafaela Regina Ghessi-Arroyo³
Larissa Campoi Peluco⁴

RESUMO: Por muitos anos o sexo/gênero foi observado nos estudos sociolinguísticos como um condicionador social importante capaz de explicar a variação e mudança de um fenômeno linguístico. A tendência observada na maioria dos trabalhos sobre variação é que as mulheres utilizam mais que os homens as formas conservadoras, apontando, dessa forma, a preferência por variantes com maior prestígio. Entretanto, muitos estudos atestaram que as mulheres também são inovadoras, contrariando a tendência geral dos estudos sociolinguísticos. Isso se explicaria, portanto, com a mudança na estrutura social, uma vez que as mulheres de hoje estão andando a passos largos no alcance de paridade educacional e econômica com os homens, o que é um resultado do movimento feminista que advém de tempos passados e, felizmente, ainda conta com mulheres engajadas na mudança desse quadro social tão enraizado na nossa sociedade. O ponto que desejamos enfatizar neste trabalho, na verdade, é a maneira como devemos olhar para esses resultados de sexo/gênero. É preciso levar em consideração que os resultados dessa variável são, em muitos estudos, circulares, por falta de uma discussão mais acurada sobre o papel da variável no condicionamento, com construções de hipóteses previamente à realização da análise. Além disso, nos resultados de sexo/gênero, muitas das explanações são baseadas em generalizações cuja segurança é questionável, do ponto de vista estatístico.

PALAVRAS-CHAVE: Sexo/Gênero; Sociolinguística; Concordância Verbal.

ABSTRACT: For many years, sex / gender has been observed in sociolinguistic studies as an important social conditioner capable of explaining the variation and change of a linguistic phenomenon. The trend observed in most studies on variation is that women use conservative forms more than men, thus indicating a preference for more prestigious variants. However, many studies have attested that women are also innovative, contrary to the general trend of sociolinguistic studies. This would be explained, therefore, with the change in the social structure, since women today are striding in the reach of educational and economic

¹ Há estudos que utilizam a terminologia “sexo”, outros adotam a terminologia “gênero”, outros que abarcam ambos os termos, gênero/sexo ou sexo/gênero. De acordo com Freitag (2015, p. 27), “A mudança da terminologia pode ser inferida pela expansão dos estudos de terceira onda do feminismo, com o foco nas relações de gênero; a sensibilidade da mulher às formas de prestígio não é uma característica biológica, mas social”.

² Este artigo se baseia em discussões e resultados da Dissertação de Mestrado “Concordância verbal em português: um estudo sobre atitudes linguísticas em duas escolas públicas de Monte Azul Paulista-SP.”, da primeira autora, particularmente da seção 4.1.4.

³ UNESP/São José de Rio Preto. E-mail: rafaela.rghessi@gmail.com . Orcid: 0000-0003-3816-111X

⁴ UNESP/Araraquara. E-mail: larissapeluco@gmail.com Orcid: 0000-0001-9721-8759

parity with men, which is a result of the feminist movement that comes from past times. and, fortunately, it still counts on women engaged in changing this social framework so rooted in our Society. The point we want to emphasize in this paper, in fact, is the way we should look at these sex / gender results. It is necessary to take into account that the results of this variable are, in many studies, circular, due to the lack of a more accurate discussion about the role of the variable in conditioning, with the construction of hypotheses prior to the analysis. Furthermore, in the sex / gender results, many of the explanations are based on generalizations whose safety is questionable, from a statistical point of view.

KEYWORDS: Sex/gender; Sociolinguistic; Verbal agreement.

Introdução⁵

Por muitos anos o sexo/gênero foi observado nos estudos sociolinguísticos como um condicionador social importante capaz de explicar a variação e mudança de um fenômeno linguístico. As descrições para gênero que são evocadas nos estudos sociolinguísticos ganham, basicamente, três concepções, em diferentes épocas: (i) Década de 1970, não fazia distinção entre biológico e social; (ii) Década de 1980, período cujo foco de estudos incorporavam estratégias conversacionais características da fala masculina e feminina e, por fim, (iii) Década de 1990, compreendia o gênero como uma construção social e cultural (FREITAG, 2015, p. 25).

A tendência observada na maioria dos trabalhos sobre variação é que as mulheres utilizam mais que os homens as formas conservadoras, apontando, dessa forma, a preferência por variantes com maior prestígio. Entretanto, muitos estudos, como, por exemplo, o de Bortoni- Ricardo (1985), atestaram que as mulheres também são inovadoras, contrariando a tendência geral dos estudos sociolinguísticos. Isso se explicaria, portanto, com a mudança na estrutura social, uma vez que as mulheres de hoje estão andando a passos largos no alcance de paridade educacional e econômica com os homens, o que é um resultado do movimento feminista que advém de tempos passados e, felizmente, ainda conta com mulheres engajadas na mudança desse quadro social tão enraizado na nossa sociedade. Nas palavras de Freitag (2015):

[...] se a Sociolinguística tem como premissa, em tendência ampla, o estudo da relação entre língua e sociedade, precisa considerar que a sociedade muda; se a sociedade muda, as explicações do modelo teórico-metodológico deveriam, também, mudar: a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos de 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade. (FREITAG, 2015, p.18)

Nesse sentido, é necessária a revisão das interpretações, até então admitidas, dessa categoria social em relação aos processos de variação e de mudança na língua, que proceda de uma hipótese

⁵ Agência de fomento: CNPq.

delimitada desde as etapas preliminares da pesquisa, já que muitas vezes se controla a variável e só depois se busca por resultados (FREITAG, 2015).

A partir dessas considerações, o objetivo desse estudo é apresentar uma discussão a respeito da variável sexo/gênero nos estudos sociolinguísticos e um olhar crítico sobre os dados linguísticos obtidos na pesquisa de Mestrado da primeira autora, intitulada “*CONCORDÂNCIA VERBAL EM PORTUGUÊS: um estudo sobre atitudes linguísticas em duas escolas públicas de Monte Azul Paulista-SP*”, publicada no ano de 2020. No trabalho, foram investigadas as atitudes linguísticas de professores e alunos de duas escolas⁶ da rede pública de Monte Azul Paulista, município do interior de SP, mediante o fenômeno variável de concordância verbal (CV) de terceira pessoa do plural⁷ (3PP), com o objetivo de verificar se as respostas dos alunos de cada escola (i) variam de acordo com os fragmentos com presença e ausência de CV, (ii) variam de acordo com a escola, (iii) variam de acordo com sexo/gênero e (iv) se tal variação é significativamente diferente, em termos estatísticos. A variável sexo/gênero foi controlada na pesquisa para averiguar se é um fator atuante no uso de concordância e no teste de atitudes linguísticas.

Vamos apresentar os resultados obtidos para essa categoria e demonstrar que sem uma discussão crítica e sem um trabalho mais aprofundado, de base etnográfica, para evidenciar com segurança as diferenças entre sexo/gênero, as explanações tornam-se generalizações e podem ser questionáveis. Vale salientar que o trabalho respondeu suas hipóteses e cumpriu com seus objetivos, que é demonstrar, a partir dos testes de atitudes linguísticas⁸ (APÊNDICE) de professores e alunos a necessidade de a escola reconhecer a legitimidade da variedade vernácula e trabalhar com ela em sala de aula. A autora insistiu na pertinência de um trabalho futuro capaz de entender a realidade escolar de uma forma mais clara e sem generalizações, de modo que está realizando em sua pesquisa de doutorado.

Este artigo foi organizado em duas seções teóricas, em que abordaremos especificamente sobre a variável sexo/gênero nos estudos sociolinguísticos e exporemos, sucintamente, algumas considerações sobre o fenômeno da concordância verbal de 3PP, uma vez que é o objeto de estudo do trabalho. Por fim, apresentaremos os resultados obtidos no universo de pesquisa mencionado anteriormente e as considerações finais, seguidas pelas referências.

1 (Re)discutindo sexo/gênero nos estudos sociolinguísticos

⁶ Nomeadas como “Escola A” e “Escola B”.

⁷ O método de coleta de dados para a constituição do corpus envolve o contato entre o pesquisador e indivíduos/comunidades, dessa forma, este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), subordinado à CONEP (Ministério da Saúde) - Parecer CEP 2.750.849.

⁸ O teste de atitudes linguísticas é uma adaptação de Barbosa e Ghessi (2019), pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética (Protocolo 2112) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Os estudos de abordagem tradicional da Sociolinguística (Chambers, 1995; Labov, 1972) arrolam algumas conclusões a respeito da relação do gênero com os fenômenos linguísticos investigados. As mais comuns são:

- (i) As mulheres preferem o uso das variantes de prestígio em comparação com os homens, enquanto que esses mantêm a preferência pelas variantes estigmatizadas;
- (ii) As mulheres conseguem se adaptar melhor a diferentes situações sociolinguísticas;

Labov, em seu estudo de 1966 em Nova York, a respeito do /r/ retroflexo, observou que as mulheres usavam a forma inovadora prestigiada mais frequentemente que os homens. Paiva (2004) mostra que resultados da pesquisa de Mollica, Paiva e Pinto (1989 apud Paiva 2004) sobre variação no nível fonológico (pobrema/problema), na variedade carioca, também apontam para as mulheres como as que mais usam a forma prestigiada socialmente em comparação aos homens.

A pesquisa de Scherre (1998) sobre a concordância nominal mostra que as mulheres lideram o uso da forma padrão prestigiada socialmente. Observando esses resultados, pode-se cair no consenso de que o uso das mulheres em pesquisas de produção linguística indica uma preferência pela variante prestigiada. Labov (2008), no entanto, havia reconsiderado esse fato, indicando que a relação entre mudança e variação linguística com a variável sexo/gênero não pode ser considerado conclusivo. É preciso considerar o valor social da variante inovadora. Paiva (2004, p. 36) explicita que nem todas as variáveis possuem uma demarcação clara de polarização, como o caso das formas *nós e a gente*, que não são sujeitas à avaliação social ou a uma desaprovação normativa.

As explicações dadas para essas conclusões acima são de que as mulheres são menos inovadoras, justamente por viverem sob uma atmosfera conservadora e de seus papéis como mães, cuidados com os afazeres domésticos (principalmente as da classe média). Há também a explicação de que as mulheres usam as formas de prestígio para atingir o status social muitas vezes relegado aos homens. Por fim, a explicação de que as mulheres são menos inovadoras por questão de solidariedade: elas sofrem menos a pressão para utilizar as variantes estigmatizadas porque não participam de redes sociais tão densas e múltiplas como os homens. Para Rodrigues (2004):

[...] tal conservadorismo se manifesta quando as mudanças linguísticas estão operando em direção oposta à da variedade de prestígio, ou seja, as mulheres preferem as formas mais antigas quando se trata da implementação de uma forma não padrão; ao contrário, mostram-se mais inovadoras quando a mudança é no sentido de uma forma prestigiada (RODRIGUES, 2004, p. 126).

Como percebemos, essas explicações são questionáveis. A sociedade, assim como a língua, muda e as mulheres exercem novos e diferentes papéis sociais. Segundo Severo (2006), há críticas feministas sobre esses estudos de abordagem tradicional, esses focariam demasiadamente em estereótipos e preconceitos recorrentes em nossa sociedade. Cameron (1990) afirma que as

explicações dadas para as diferenças linguísticas com base no gênero são fornecidas a partir de estereótipos sexuais. Cameron e Coates (1990) reverberam que essa abordagem tradicional foi produtiva para identificar que existem diferenças linguísticas na sua relação com o sexo, mas o que essas pesquisas não conseguiram abordar de forma significativa são as motivações para essas diferenças. Englobar mulheres que possuem diferentes faixas etárias, classes sociais e níveis de escolaridade como se apresentassem um mesmo comportamento linguístico simplifica e muito a questão.

Eckert (2001,2002) deu um enfoque maior na diferenciação sistemática das variáveis usadas por adolescentes em uma escola de Detroit, nos Estados Unidos. A metodologia usada pela linguista foi uma observação participante. Ela observou os adolescentes da escola por dois anos. Em linhas gerais, seus resultados mostraram que diferentes estilos de grupos influenciam em diferentes práticas de linguagem e por outras práticas sociais. Nesse grupo de adolescentes, a autora encontrou os *jocks* e os *burnouts*, que são grupos que revelam ideologias e práticas opostas. Além das diferenças visuais, observou-se uma demarcação linguística entre esses grupos.

Eckert (2012) defende que os estudos sociolinguísticos podem ser caracterizados por três “ondas” de análise. Na primeira onda, o principal foco de trabalho, segundo a autora, é o estabelecimento de padrões regulares de variação linguística de acordo com macrocategorias sociais, correlacionando variáveis linguísticas com classe socioeconômica, gênero, idade, escolaridade e estilo (esta última, entendida como grau de atenção à fala). Os estudos de primeira onda estabeleceram bases sólidas para o estudo da variação, no entanto, no desenvolvimento desses estudos, as macrocategorias passaram a se confundir com identidades dos falantes, sem considerar sua relevância para os próprios indivíduos em seu cotidiano (OUSHIRO, 2015).

A segunda onda se voltou para estudos etnográficos, cujo objetivo era examinar a dinâmica da variação mais localmente e questionar a visão “harmoniosa” de classe social colocada por Labov (2008 [1972]) em seus estudos. Assim, o foco recaiu nas chamadas “redes sociais”, que, de acordo com Coelho (2006, p.20) “[...] localizam as pessoas nas conexões de uma comunidade em que fica evidente o grau de integração de cada membro num determinado grupo”. Diante desse cenário de inserir na pesquisa quantitativa estudos de base mais etnográfica, Eckert (2000) reinterpreta a regra variável como um espaço privilegiado para construção do significado social da linguagem. A autora discute a necessidade de conectar categorias mais abstratas, que se consolidam nas experiências dos falantes. Conforme defendem Freitag et al. (2012):

Os estudos de primeira e segunda onda têm como foco a descrição da estrutura - um retrato estático. Os estudos de terceira onda incorporam a dinamicidade da estrutura, ou seja, como a estrutura se molda no cotidiano, com os

condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela. (FREITAG et al, 2012, p.922).

Trabalhos de terceira onda acentuam o papel agetivo dos informantes no estabelecimento de identidades e significados sociais. Estilo, nessa perspectiva, não é um simples recurso, mas uma manifestação do significado social, em que os falantes combinam e recombinaem variantes em um processo contínuo de bricolage, tornando-as essenciais para a construção de personas sociais (ECKERT, 2000). Trabalhos como de Eckert (2001, 2002) mostram como é importante não categorizar de forma superficial as variáveis sociais. Se Eckert tivesse englobado os adolescentes em uma única categoria, sem observação participante, não teria descoberto diferenças significativas na linguagem e nas práticas sociais desse grupo. O mesmo tem de ser revisto com a variável sexo/gênero: ser vista apenas como categoria biológica, desconsiderando as construções identitárias, identifica diferenças de linguagens entre homens e mulheres, mas não as explica significativamente. Então, olhar o gênero como uma construção social torna-se relevante. Em contrapartida às pesquisas de abordagem tradicional apresentadas, as pesquisas de percepção e avaliação linguística que trabalham com comunidades de prática e redes sociais tratam o gênero a partir de uma perspectiva crítica, como construtor de identidade.

Diferente dos modelos anteriores, a variação estilística é aqui entendida como um recurso de criação e recriação ativa da identidade. Nessa abordagem, as coisas do mundo tornam-se recursos estilísticos, por força de seu lugar no discurso, havendo assim um trabalho colaborativo em relação ao sentido. (SALOMÃO-CONCHALO, 2015, p. 58).

Dessa forma, é crucial depreender que os indivíduos não são totalmente passivos, sujeitos a qualquer identidade fixa e determinada, mas são atores sociais que estão sempre em processo de construção. Tendo isso em vista, o conceito de performatividade, adotado por Butler (1990) é de suma importância para a referida pesquisa, uma vez que resgata essa noção de agitividade do sujeito. De acordo com Silva (2000):

O conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é - uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação - para a idéia de “tornar-se”, para uma concepção da identidade como movimento de transformação. (SILVA, 2000, p.92)

Podemos citar também o trabalho de Mendes (2018), em que trata, em sua tese final, dos efeitos de duas variáveis linguísticas- a concordância nominal de número (CN) e a pronúncia de /e/ nasal (EN)- na percepção e na performance de masculinidades, ou seja, de quão masculino ou efeminado pode soar um paulistano: Para tanto, o autor partiu de quatro experimentos para o estudo

de percepção, desenvolvidos com a técnica *matched-guise* (Lambert et al. 1960, Campbell-Kibler 2009). No primeiro experimento, os participantes ouvem quatro rapazes, por meio de estímulos que contêm apenas ocorrências de concordância padrão (CNp) ou não padrão (CNØ). Os resultados evidenciaram que todos os quatro falantes tendem a ser percebidos como homens que soam mais masculinos diante de CNØ. No segundo, que inclui duas vozes femininas e duas masculinas, os padrões são menos simples: (CN) tem efeito na percepção de masculinidade/feminilidade para apenas um rapaz e uma moça e não faz diferença para os outros dois. No terceiro, cujos estímulos são definidos pela variável (EN) e contêm as mesmas vozes do segundo, os resultados são semelhantes: a pronúncia ditongada de [ejn] contribui para a percepção de que uma das mulheres soe mais feminina e um dos rapazes soe menos masculino. Para o quarto experimento, Mendes (2018) combina as variáveis (CN) e (EN) nos estímulos, incluindo-se apenas dois falantes: um homem e uma mulher. No caso dele, há um efeito de (CN) na percepção de masculinidade; para ela, (EN) se correlaciona à percepção de feminilidade (MENDES, 2018, p.vi-vii). De acordo com o autor:

O estudo de produção analisa o emprego das variantes das variáveis (CN) e (EN) por quatro rapazes, em entrevistas sociolinguísticas. Ainda que seja possível propor que, em certos momentos de sua conversa com um mesmo documentador, esses falantes combinem as variantes de (CN) com as variantes de (EN), seja no sentido de definir uma postura masculina mais próxima do estereótipo hegemônico de masculinidade, seja no sentido de se afastar de tal estereótipo, as análises mostram que o estudo de alternância de estilos (no sentido de conjuntos de elementos pelos quais os falantes negociam suas posições e objetivos num sistema de distinções e possibilidades – Irvine 2001) e de construção de personae tem alcance limitado quando se utiliza de entrevistas sociolinguísticas. (MENDES, 2018, p. vii).

Dessa forma, no trabalho de Mendes (2018), entende-se “estilo” como diferenciação social, uma vez que procurou entender como diferentes indivíduos manipulam um conjunto de elementos (linguísticos e não linguísticos), no sentido de projetar versões diferentes, inclusive de si mesmos, de maneira localmente significativa (MENDES, 2018, p.33). A base desses estudos não são macrocategorias sociais, mas agrupamentos menores e de comunidades de prática, definida por Eckert e McConnell-Ginet (1992, p.464) como “um agrupamento de pessoas que se juntam em torno de uma iniciativa em função de um compromisso mútuo”.

Portanto, a abordagem tradicional dos estudos sociolinguísticos, como as pesquisas de Labov (1972) e de Chambers (1995), concebe o gênero como uma categoria biológica. Um olhar crítico, que é o que defendemos neste trabalho, permite visualizar o gênero como uma construção social, cultural e histórica, o que é visto através de pesquisas com comunidades de prática e redes sociais. O gênero, a partir dessa perspectiva crítica, torna-se um aspecto de constituição de identidade.

2 Sobre o fenômeno variável de concordância verbal

Lemle e Naro (1977) constataram, por meio da pesquisa com a fala produzida por alunos do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que a ausência de concordância de terceira pessoa do plural era condicionada por fatores linguísticos como: saliência fônica, posição do sujeito em relação ao verbo e presença ou ausência do sujeito pronominal. Tais grupos de fatores foram analisados por diversos estudiosos e, embora tenham utilizado categorizações dessemelhantes, observaram a força decisiva desses fatores para a realização/não realização da regra de CV. Além disso, a variação de concordância de número no português brasileiro é regida, também, por fatores de natureza social, isto é, por fatores extralinguísticos, como, por exemplo, a idade, o sexo e a escolaridade. Como já exposto anteriormente, a tendência observada na maioria dos trabalhos sobre variação é que as mulheres utilizam mais que os homens as formas conservadoras, aquelas que são valorizadas socialmente. No entanto, em relação à concordância verbal, alguns estudos como, por exemplo, de Rodrigues (1987), Monte (2007), Gameiro (2009) demonstraram que o fator sexo é inoperante, já que os índices de frequência e peso relativo permaneceram muito próximos da neutralidade.

Nos estudos de Gameiro (2009), a realização variável da CV foi analisada em redações escolares; nesse caso, a influência do sexo dos informantes pode ter sido “neutralizada” pelo fato de todos os informantes estarem no mesmo ambiente e, assim, pertencerem a um nível social próximo e possuírem práticas linguísticas semelhantes. De acordo com Gameiro (2009, p.151), “Como ainda frequentam a escola, não trabalham formalmente, não possuem uma “pressão social”, independente de serem homens ou mulheres, não estariam tão preocupados no momento com a linguagem, com o modo como falam”. Além desses autores, Bortoni- Ricardo (1985) atestou que as mulheres também são inovadoras, uma vez que apresentam uma tendência maior a utilizar formas verbais não padrão, contrariando a tendência geral dos estudos sociolinguísticos.

Como observamos, os estudos sociolinguísticos denominados como estudos de primeira onda estabelecem padrões regulares de variação linguística de acordo com macrocategorias sociais, correlacionando variáveis linguísticas com classe socioeconômica, sexo/gênero, idade, escolaridade e estilo (esta última, entendida como grau de atenção à fala). Esses tipos de estudos sobre variáveis linguísticas têm como objetivo, portanto, descrever a variação e a mudança linguística e sua relação com os fatores linguísticos e extralinguísticos. Segundo Coelho et al (2015):

[...] em um caso de variação, são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico,

uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) “rival(is)” (COELHO et al., 2015, p. 20).

Houve uma ampliação dessas pesquisas para além do descritivo e começaram a ser trilhados caminhos para conhecer como as crenças, atitudes e avaliações linguísticas explicam a variação e a mudança linguística em curso. Os trabalhos de Labov (2008 [1972]) sobre a mudança fonética ocorrida no inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard já apontavam para esse tipo de estudo. Garcia (2018), em sua dissertação, verifica as atitudes e as avaliações linguísticas no que se refere à realização variável de CV de dois grupos existentes na localidade de Bonfim Paulista (os bonfinenses e os moradores de condomínio), por meio de informações coletadas em entrevistas, trabalho de campo e de testes de atitude. De modo geral, os resultados demonstraram que a variante linguística avaliada de forma positiva foi associada ao falante morador de condomínio – indivíduo que carrega valores sociais atrelados à riqueza e à escolarização, valores sociais tidos como positivos. Já a variante linguística estigmatizada – a ausência de concordância – foi mais atrelada ao bonfinense – indivíduo que carrega valores sociais atrelados a um estilo de vida rural.

Sob a ótica da Sociolinguística Educacional, Vieira e Pires (2012) realizaram uma análise com 400 redações de vestibulares a fim de investigar o fenômeno variável de concordância verbal de 3º pessoa do plural e sua relação com a avaliação da banca corretora. O ensino, para as autoras, é ineficaz no que diz respeito às estruturas gramaticais da norma culta (de prestígio), pois se ampara somente no método tradicionalista, sem uma sistematização reflexiva dos fenômenos da língua. As redações que apresentaram maior índice de concordância verbal segundo a gramática normativa possuíram a maior nota. Essa análise da banca possibilitou a reflexão de que a concordância verbal faz parte dos requisitos para um texto “bem escrito” e que os valores atribuídos às variantes podem configurar um caso de estereótipos, trazendo a apreciação negativa e desqualificação do falante/escritor.

Estudos como o de Salomão-Conchalo (2015), que se inserem em estudos de terceira onda da Sociolinguística, demonstram que a marca explícita de plural pode vir a ser uma variável indexadora de construção de identidade de certos grupos sociais. Em um contexto de comunidades de prática, as variáveis assumem significado na prática estilística, pela qual “as pessoas vão associar os recursos linguísticos em questão a uma série de outros recursos existentes para a manifestação do estilo (como vestimenta, postura, entre outras coisas)” (VELOSO, 2014, p.1744). Nessa perspectiva, os indivíduos são agentes produtores de significados, que tecem estilos linguísticos em programas constantes e incessantes de autoconstrução e diferenciação.

Tanto estudos fundamentados em macrocategorias sociais, como estudos de base mais etnográfica, destacam o estigma social carregado pelo fenômeno da concordância de número, tanto verbal como nominal. As avaliações negativas que os indivíduos expressam acerca da ausência da

marca explícita de número não têm respaldo linguístico, mas em valores sociais. De acordo com Scherre (2005):

Estudos linguísticos de fenômenos estigmatizados podem ter, portanto, como consequência imediata, a possibilidade de evidenciar que o certo considerado inerente, em termos de linguagem, não tem razão de ser (por mais óbvio que isso possa parecer). Certo é tudo o que está conforme às regras ou princípios de um determinado grupo dentro dos limites do próprio grupo. Considerando isto, a falta de concordância de número pode ser errada para um grupo que domina uma variedade linguística que tem essa regra ou este mecanismo. Mas para um grupo que não apresenta mecanismos de concordância em sua variedade, o errado é exatamente uma construção que exhibe todas as marcas formais explícitas de concordância. (SCHERRE, 2005, p.18)

Todas essas reflexões nos fazem concluir que a variação de concordância é parte inerente do nosso sistema linguístico, mas marcar ou não a concordância pode ser considerado como um ato de posicionamento social, ou como disse Scherre (2005):

[...] a quantidade de variação, no Brasil, é marca de classe social. Inquestionavelmente, as pessoas mais escolarizadas, mais sensíveis às marcas de prestígio e que exercem profissões de trato público tendem a fazer mais concordâncias e, se não as fazem, são criticadas por nós, que também deixamos de fazer concordâncias verbais e nominais, de forma regular, quer queiramos quer não queiramos, quer reconheçamos, quer não reconheçamos. (SCHERRE, 2005, p.133).

3 O olhar crítico sobre os dados

Como abordado na seção de introdução, os resultados que serão aqui apresentados fazem parte da pesquisa de Mestrado da primeira autora. Será a partir deles que demonstraremos que as explicações tornam-se generalizações e podem ser questionáveis, sem uma discussão crítica e sem um trabalho mais aprofundado para evidenciar com segurança as diferenças entre sexo/gênero.

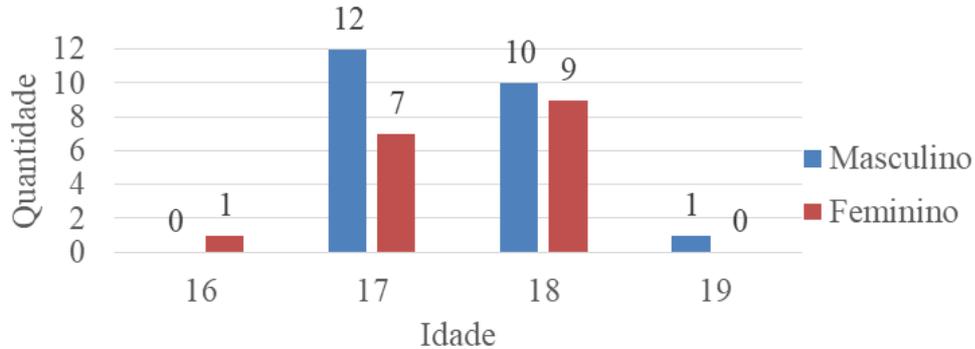
Participaram da pesquisa 67 alunos: 43 são da escola A e 24 da escola B. A discrepância no número de alunos se deu porque uma turma da escola B tinha apenas 10 alunos, sendo a única do turno vespertino. Com o objetivo de entender o perfil social dos informantes, foi apresentado, junto à proposta de redação e do teste de atitudes, um questionário simples sobre o perfil dos alunos como: (i) idade, (ii) sexo, (iii) profissão do pai, (iv) profissão da mãe e (v) apreciação pela língua portuguesa⁹.

As informações sobre idade e sexo dos alunos das duas escolas foram organizadas no Microsoft Excel (2016) em forma de planilhas. Para garantir que o perfil da comunidade dos alunos

⁹ Ver mais no trabalho completo.

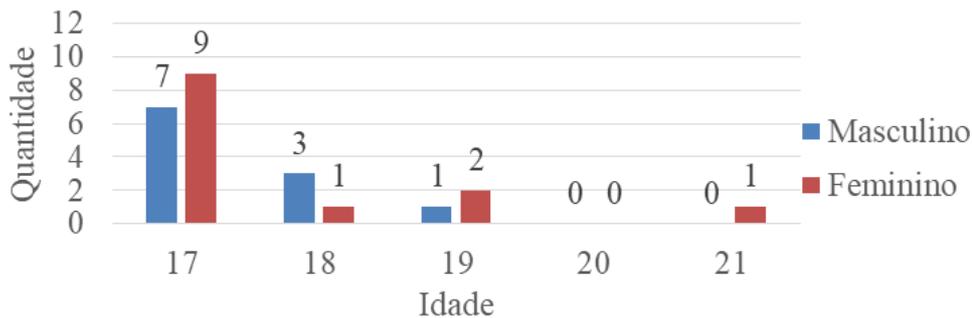
estudada seja apresentado separadamente com suas especificidades, foram construídos gráficos separados para cada escola. Como podemos observar a seguir, a grande maioria dos alunos está na faixa prevista para o 3º ano do Ensino Médio, o que nos leva a considerar que os alunos de até 18 anos estão acompanhando o andamento escolar previsto.

Figura 1. Quantidade de alunos por idade e sexo na Escola A.



Fonte: Ghessi (2020).

Figura 2. Quantidade de alunos por idade e sexo na Escola B.



Fonte: Ghessi (2020).

Primeiramente, foi elaborada uma proposta de redação em que os alunos produziram um texto em que relatam uma aventura que aconteceu com seus amigos, pais, etc. Os alunos se colocaram como narradores observadores, aquele que “sabe tudo”, mas não participa das ações. O propósito dessa proposta de redação foi selecionar e quantificar as ocorrências de concordância verbal de 3PP, para, posteriormente, estabelecer uma relação com as atitudes linguísticas dos alunos.

Ao observarmos a produção textual dos alunos, atestamos o mesmo que Bortoni-Ricardo (1985) e demais autores atestaram em seus estudos: que a generalização clássica de Labov (2008 [1972]) pode não funcionar em alguns casos, principalmente porque a estrutura social está em constantes mudanças. Ao olharmos a Tabela 1, referente às ocorrências de CV por sexo/gênero na Escola A, podemos perceber que as meninas são mais inovadoras que os meninos, com índice de 92,13% de marcação de plural e 7,87 com ausência da marcação, enquanto que os meninos os fizeram com 95,56% e 4,44%, respectivamente. Na mesma direção observamos, pela Tabela 2, o

mesmo movimento de ocorrências de CV por sexo/gênero na produção textual dos alunos da Escola B.

Tabela 1- Ocorrências de concordância verbal por sexo/gênero na Escola A.

Concordância Verbal Escola A				
	Masculino	%	Feminino	%
Presença	172	95,56%	164	92,13%
Ausência	8	4,44%	14	7,87%
TOTAL:	180	100%	178	100%

Fonte: Ghessi (2020).

Tabela 2- Ocorrências de concordância verbal por sexo/gênero na Escola B.

Concordância Verbal Escola B				
	Masculino	%	Feminino	%
Presença	35	85,37%	64	81,01%
Ausência	6	14,63%	15	18,99%
TOTAL:	41	100%	79	100%

Fonte: Ghessi (2020).

A variável sexo/gênero foi controlada para mensurar a avaliação social do fenômeno variável de CV e verificar, também, se as respostas variam de acordo com o sexo/gênero. Como foi obtido um número expressivo de testes de atitudes linguísticas dos alunos, contabilizando nas duas escolas 66 testes, foi desenvolvido uma Análise de Componentes Principais (ACP) das respostas dadas nas escalas, feita pelo programa R (R Core Team 2017), possibilitando averiguar se há algum padrão de correlação entre as escalas, ou seja, “[...] se as respostas de cada uma das escalas se deram de maneira independente entre si” (MENDES, 2018, p.64).

A ACP consiste em transformar um conjunto de variáveis originais em outro conjunto de variáveis de mesma dimensão denominadas de componentes principais (CP) (HONGYU; SANDANIELO; JUNIOR, 2015). É a técnica mais conhecida e está associada à ideia de redução de massa de dados, com menor perda possível da informação. O resultado revelou que as respostas nas 11 escalas (competente, inteligente, rico, analfabeto, burro, caipira, desempregado, boa pessoa, honesto, bonito e confiante) podem ser reduzidas a 3 componentes, pois apresentam uma correlação positiva e explicam, juntos, 73% da variância nas respostas.

O primeiro dos Componentes foi chamado de “Solidariedade”, pois compreende as respostas dadas nas escalas de “Boa pessoa”, “Honesto” e “Bonito”. De acordo com Chambers (1995), uma dimensão orientada para a solidariedade inclui qualidades tais como gentileza, amabilidade, amizade, bondade e confiança. O segundo CP foi chamado de “Qualificação”, pois compreende as respostas dadas nas escalas de “Analfabeto”, “Burro”, “Caipira” e “Desempregado”. O último CP compreende as respostas dadas nas escalas “Competente”, “Inteligente” e “Rico”, de modo que foi

intitulado como “Prestígio”, pois de acordo com Ryan (1979), uma dimensão denominada ‘orientação para o prestígio’ inclui qualidades que têm a ver com inteligência, educação, ambição, riqueza, sucesso e conquistas, e os sujeitos atribuem as avaliações mais altas para essas qualidades aos falantes da variedade padrão.

Em relação ao CP “Solidariedade” essa variável não foi determinante, pois, de acordo com a análise de regressão¹⁰, seu p-valor foi maior que 0.05 (>0.335), revelando que devemos acatar a hipótese inicial: a variação entre as respostas não é significativamente diferente. Como observamos a seguir:

¹⁰ Para evidenciar com maior precisão as pergunta da pesquisa, foi feita a análise de regressão dos Componentes Principais, que estuda o relacionamento entre uma variável denominada de dependente e uma ou outras variáveis independentes. A variável dependente é determinada de acordo com a pergunta de pesquisa: em análises nas quais se pergunta se a variável linguística (nesse caso a CV) possui algum efeito nas respostas, consideramos como variáveis dependentes os componentes e não as escalas em si. As variáveis independentes, nesse caso, são: sexo/gênero, as escolas e os fragmentos. Para o trabalho, a primeira autora focalizou, principalmente, no p-valor da análise de regressão, uma vez que o valor p menor que 0.05 revela que a hipótese nula (H0) deve ser rejeitada, devendo ser considerada a hipótese alternativa (H1): H0: a variação entre as respostas não é significativamente diferente; H1: a variação entre as respostas é significativamente diferente. (GHESSI, 2020, p.69).

Tabela 3- Resultados do Modelo de Regressão para o CP1 “Solidariedade”.

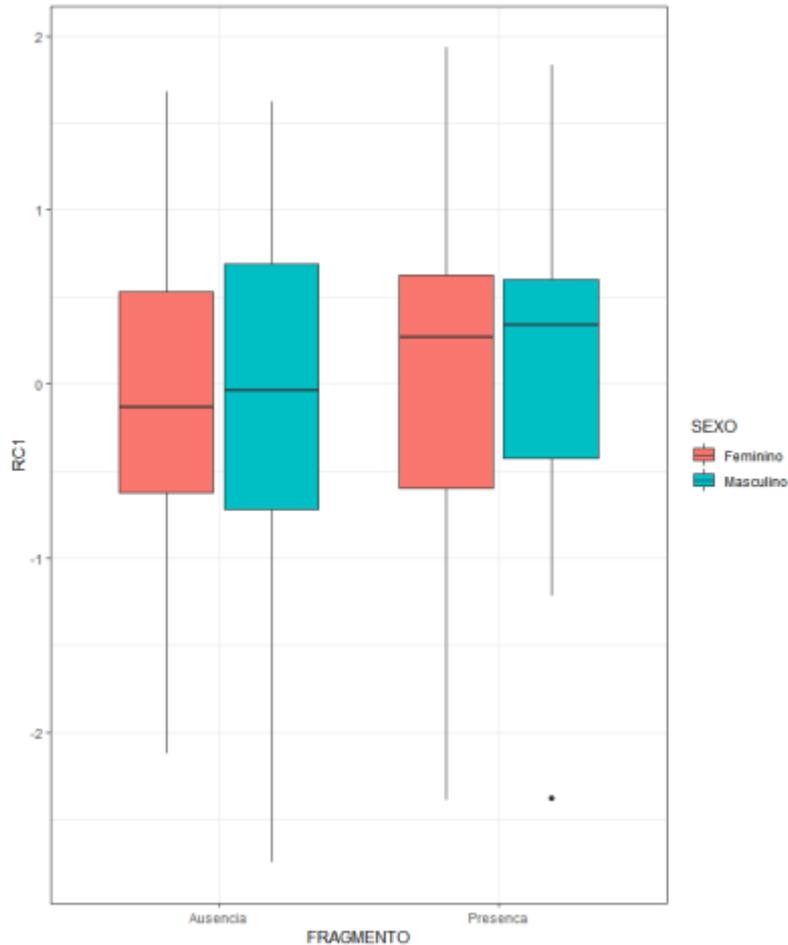
	Estimate	Error	t value	Pr(> t)
<i>(intercept)</i>	-0.23159	0.23728	-0.976	0.332
SEXOMasculino	0.30203	0.31119	0.971	0.335
ESCOLAB	0.25684	0.36641	0.701	0.485
FRAGMENTOPresenca	0.24176	0.15568	1.553	0.126

Fórmula: $RC1 \sim SEXO * ESCOLA * FRAGMENTO$ ¹¹

Vale frisar que os valores da coluna “Estimativa” (*Estimate*) devem ser lidos com relação ao *Intercept* (ou nível de referência), que, nesse modelo de regressão, foi estabelecido como “sexo feminino¹²”, “FragmentoAusência” e “escola A”. Dessa forma, o valor -0.23159, na primeira linha da coluna “Estimativa”, é o valor estimado pelo modelo, em termos do CP1 “Solidariedade”, para o “FragmentoAusência” em seu disfarce com o “sexo feminino” e a “escola A”. Como o foco deste trabalho é a variável sexo/gênero, não analisaremos as outras variáveis, como escola e fragmento, de modo que suas análises podem ser visualizadas no trabalho maior em que esse artigo faz parte. Dessa forma, tanto as mulheres quanto os homens das duas escolas percebem igualmente os autores dos dois fragmentos como “Boa pessoa”, “Honesto” e “Bonito”. Para melhor visualização, abaixo segue a distribuição das respostas do CP “Solidariedade” por sexo/gênero e por fragmento.

¹¹ A fórmula indica que o CP “Solidariedade” foi analisado em função do sexo, das escolas e dos fragmentos, bem como da interação entre essas três variáveis (sexo* escola * fragmentos).

Figura 3. Distribuição das respostas no CP “Solidariedade” por sexo/gênero e por fragmento.



Fonte: Ghessi (2020).

Na Figura 3, os *boxplot*¹³ vermelhos representam o sexo/gênero feminino, enquanto que os *boxplot* em azul representam o sexo/gênero masculino. A distribuição das respostas está se dando de acordo com o a variável sexo/gênero e de acordo com os fragmentos com presença e ausência de CV. Na pesquisa, foi selecionado amostras de trechos narrativos distintos, que representem escritas¹⁴ com graus de monitoramento diferentes em relação à norma culta: um fragmento mais próximo da norma culta e outro mais distante, que apresente características do que se considera fora da norma culta (com ausências de concordâncias verbais, poucos mecanismos de coesão, etc).

¹³ O *BoxPlot* é uma medida alternativa para o histograma (distribuição de frequências) e atesta a distribuição dos dados por meio de cinco medidas estatística: o mínimo, o primeiro quartil, o ponto médio, o terceiro quartil e o máximo. A dispersão é representada pela amplitude do gráfico, que pode ser calculado como máximo ou mínimo valor, de modo que quanto maior for a amplitude, maior a variação nos dados. Uma distribuição simétrica teria a linha da mediana no centro do retângulo. Se a mediana é próxima de Q1, os dados são positivamente assimétricos, se a mediana é próxima de Q3, os dados são negativamente assimétricos. (GHESSI, 2020, p.68).

¹⁴ É importante salientar que o trabalho foi um dos poucos que utilizaram estímulos de materiais escritos, sendo, portanto, inovador em trabalhos com atitudes e avaliações linguísticas. Evidenciamos aqui, assim como Barbosa e Cuba (2015), Barbosa e Ghessi (2019), que é possível depreender reações positivas e negativas em testes de atitudes linguísticas que utilizam textos escritos.

Como observamos, há uma distribuição simétrica nas respostas, uma vez que as linhas da mediana estão se encontrando.

O CP “Qualificação”, ao contrário, demonstrou diferenças significativas na avaliação entre os participantes do sexo/gênero feminino e masculino, apontando um valor de 0,03057, isto é, a variação entre as respostas é significativamente diferente.

Tabela 4- Resultados do Modelo de Regressão para o CP2 “Qualificação”.

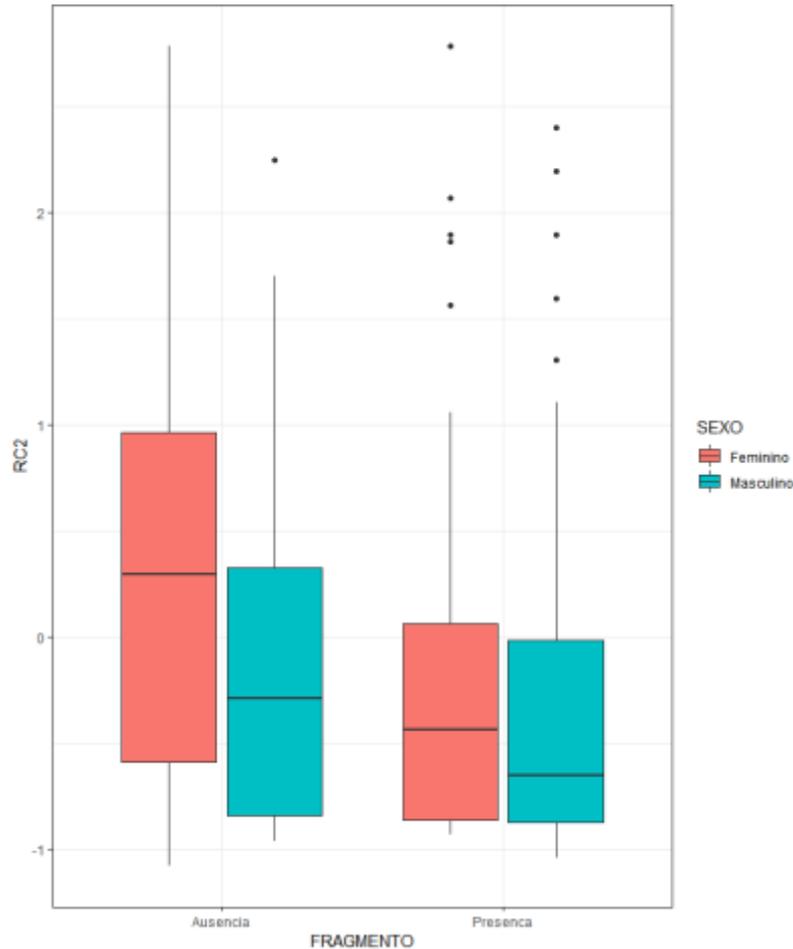
	Estimate	Error	t value	Pr(> t)
<i>(intercept)</i>	0.4670	0.2336	1.999	0.04866*
SEXOMasculino	-0.6733	0.3063	-2.198	0.03057*
ESCOLAB	-0.2780	0.3607	-0.771	0.44292
FRAGMENTOPresenca	-0.5868	0.1990	-2.949	0.00451**

Fórmula: RC2 ~ SEXO * ESCOLA * FRAGMENTO¹⁵

Ao compararmos os *boxplot*, vamos perceber que, diferente do CP “Solidariedade”, as medianas das respostas estão mais distantes uma da outra, o que nos permite relacionar com os resultados do modelo de regressão que revela uma diferença estatisticamente significativa entre a avaliação dos alunos de sexo/gênero opostos.

¹⁵ A fórmula indica que o CP2 foi analisado em função do sexo, das escolas e dos fragmentos, bem como da interação entre essas três variáveis (sexo* escola * fragmentos).

Figura 4. Distribuição das respostas no CP “Qualificação” por sexo/gênero e por fragmento.

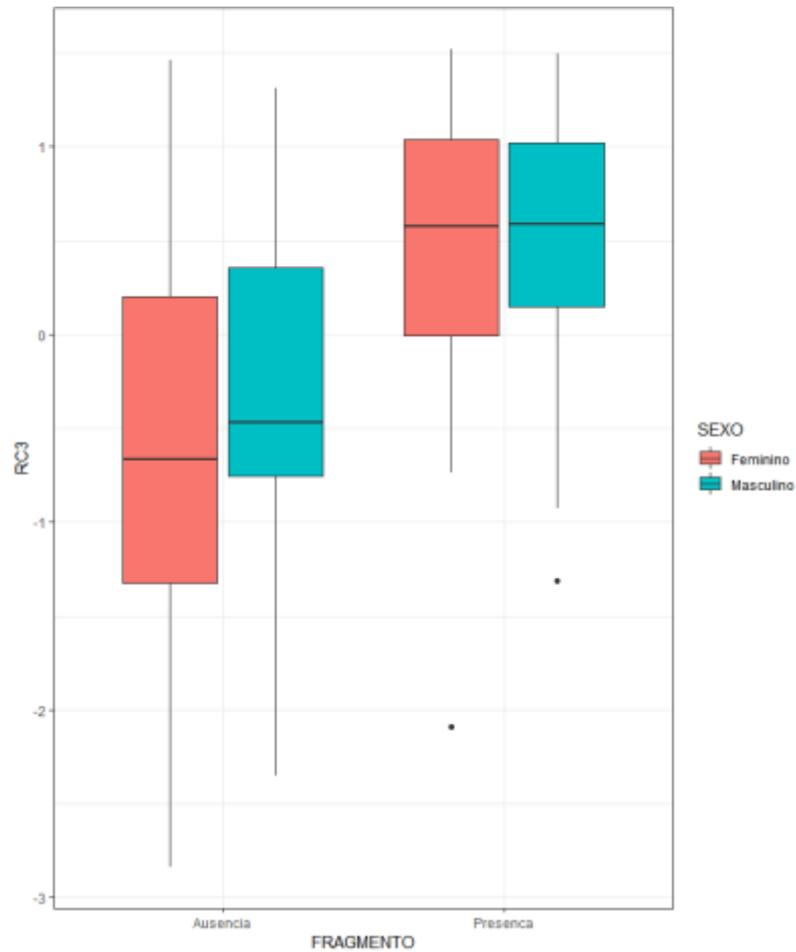


Fonte: Ghessi (2020).

Conseguimos inferir, pela distribuição das respostas, que as alunas do sexo/gênero feminino avaliaram de forma menos favorável o fragmento com ausência de marca explícita de plural, visto que o *boxplot* vermelho está tendo uma distribuição maior para o polo positivo, considerando o autor do fragmento com ausência de CV como +Analfabeto, +Burro, +Caipira e + Desempregado. Além disso, vale salientar que o *boxplot* que representa o sexo/gênero masculino para o fragmento com ausência de CV é comparativamente mais curto em relação ao *boxplot* que representa o sexo/gênero feminino, sugerindo que os estudantes masculinos, em geral, têm um nível maior de concordância entre si, diferente das estudantes femininas.

Em relação à distribuição das respostas do CP “Prestígio” por sexo/gênero e fragmento, observamos a seguir que, em relação aos fragmentos, temos, praticamente, a mesma avaliação que na Figura 4. Tanto homens quanto as mulheres avaliam de forma mais positiva o uso da CV.

Figura 5. Distribuição das respostas no CP “Prestígio” por sexo/gênero e por fragmento



Fonte: própria.

A princípio, nota-se que o sexo/gênero não influenciou nas respostas, afinal as respectivas medianas estão visivelmente muito próximas, principalmente para o fragmento com presença de CV. No entanto, ao olharmos os resultados do modelo de regressão (Tabela 5), há uma diferença significativa ($p < 0,00771$) entre as respostas dadas pelos participantes do sexo/gênero masculino e do sexo/gênero feminino: mais do que eles, elas tenderam a avaliar o fragmento com ausência de CV de forma menos favorável.

Tabela 5- Resultados do Modelo de Regressão para o CP3 “Prestígio”.

	Estimate	Error	t value	Pr(> t)
(<i>intercept</i>)	-1.0004	0.2059	-4.859	0.0000038198***
SEXOMasculino	0.7326	0.2700	2.713	0.00771**
ESCOLAB	0.8654	0.3179	2.722	0.00751**
FRAGMENTOPresenca	1.5215	0.2447	6.217	0.0000000498***

Fórmula: RC3 ~ SEXO * ESCOLA * FRAGMENTO¹⁶

Segundo Labov (2008 [1972]), as mulheres de um mesmo grupo social tenderiam a ser mais conservadoras no que diz respeito às preferências pelas variantes padrão em relação às estigmatizadas, como se as mulheres fossem mais receptivas à normatização escolar. As respostas do teste de atitudes estão em consonância com os postulados de Labov (2008[1972]), uma vez que as informantes mulheres demonstraram maior favorecimento à variante conservadora, aquela ensinada pela escola. No entanto, em relação à produção textual aplicada aos alunos, vemos o contrário: podemos concluir com essas análises que as atitudes das mulheres, para o CP “Competência” e CP “Prestígio”, são mais negativas em relação à ausência da marca explícita de plural do que a dos homens, porém utilizam a forma inovadora e desprestigiada em suas produções textuais mais que os homens.

O ponto que desejamos enfatizar nesta seção, na verdade, é a maneira como devemos olhar para esses resultados de sexo/gênero. É preciso levar em consideração que os resultados dessa variável são, em muitos estudos, circulares, por falta de uma discussão mais acurada sobre o papel da variável no condicionamento, com construções de hipóteses previamente à realização da análise. Além disso, nos resultados de sexo/gênero, muitas das explanações são baseadas em generalizações cuja segurança é questionável, do ponto de vista estatístico (FREITAG, 2015, p. 39). Ainda de acordo com Freitag (2015):

Por ser estratificação *default* nos bancos de dados sociolinguísticos, controlar a variável sexo/gênero é uma praxe; tendo ou não uma hipótese do seu efeito sobre o fenômeno, não há custo operacional em incluí-la na análise, na medida que a categorização já vem pronta, sem requerer reflexões analíticas do pesquisador. Se não for significativa na análise estatística, o resultado é que a variável sexo/gênero não influencia o fenômeno; se for significativa, buscam-se subsídios em outros estudos para avaliar a tendência geral do fenômeno e corroborar a tese do prestígio/estigma, inovação/conservadorismo. Ou, então, simplesmente apresentam-se os resultados. (FREITAG, 2015, p.46).

De acordo com Milroy e Gordon (2003), assumindo um posicionamento bastante crítico frente aos estudos sociolinguísticos tradicionais, o fato de as mulheres empregarem as variantes de

¹⁶ A fórmula indica que o CP3 foi analisado em função do sexo, das escolas e dos fragmentos, bem como da interação entre essas três variáveis (sexo* escola * fragmentos).

prestígio não revela que elas valorizam essas variantes, mas sim que elas as criam. Para a perspectiva tradicional, o gênero é tido como uma categoria biológica (sexo), sendo possível de ser estatisticamente medido, enquanto que na perspectiva crítica, o gênero é visto como uma construção social, subordinado ao processo de formação de identidade (SEVERO, 2006, p. 8).

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi apresentar uma discussão a respeito da variável sexo/gênero nos estudos sociolinguísticos e um olhar crítico sobre os dados linguísticos obtidos na pesquisa de Mestrado da primeira autora, intitulada “*CONCORDÂNCIA VERBAL EM PORTUGUÊS: um estudo sobre atitudes linguísticas em duas escolas públicas de Monte Azul Paulista-SP*”, publicada no ano de 2020. Vimos que tantos estudos fundamentados em macrocategorias sociais, como estudos de base mais etnográfica, destacam o estigma social carregado pelo fenômeno da concordância de número, tanto verbal como nominal. As avaliações negativas que os indivíduos expressam acerca da ausência da marca explícita de número não têm respaldo linguístico, mas em valores sociais.

Os resultados para a variável sexo/gênero demonstraram que, para o CP “Solidariedade”, tanto as mulheres quanto os homens das duas escolas percebem igualmente os autores dos dois fragmentos como “Boa pessoa”, “Honesto” e “Bonito”. O CP “Qualificação”, ao contrário, demonstrou diferenças significativas na avaliação entre os participantes do sexo/gênero feminino e masculino, apontando um valor de 0,03057, isto é, a variação entre as respostas é significativamente diferente. As alunas do sexo/gênero feminino avaliaram de forma menos favorável o fragmento com ausência de marca explícita de plural, considerando o autor do fragmento com ausência de CV como +Analfabeto, +Burro, +Caipira e + Desempregado. Em relação ao CP “Prestígio” os dados demonstraram que há uma diferença significativa ($p < 0,00771$) entre as respostas dadas pelos participantes do sexo/gênero masculino e do sexo/gênero feminino: mais do que eles, elas tenderam a avaliar o fragmento com ausência de CV de forma menos favorável.

As respostas do teste de atitudes estão em consonância com os postulados de Labov (2008[1972]), uma vez que as informantes mulheres demonstraram maior favorecimento à variante conservadora, aquela ensinada pela escola. No entanto, em relação à produção textual aplicada aos alunos, vemos o contrário. Podemos concluir com essas análises que as atitudes das mulheres, para o CP “Competência” e CP “Prestígio”, são mais negativas em relação à ausência da marca explícita de plural do que a dos homens, porém utilizam a forma inovadora e desprestigiada em suas produções textuais mais que os homens.

Reconhecemos que falta muito trabalho pela frente para que esses resultados nos possibilitem uma melhor visão das diferentes atitudes entre o sexo/gênero feminino e masculino. Nos deparamos com outros questionamentos, que só poderiam ser respondidos em um trabalho posterior. O que vale, por ora, é esse olhar crítico sobre os dados linguísticos.

Referências

BARBOSA, J. B.; GHESSI, R. R. Atitudes linguísticas e o ensino de língua portuguesa: uma reflexão sociolinguística. **Tabuleiro de Letras**, v. 13, p. 69, 2019.

BARBOSA, J.B.; CUBA, D.L. Crenças e Atitudes Linguísticas de Alunos do Ensino Médio em Escolas Públicas de Uberaba. **Revista Todas as Letras** (MACKENZIE. Online), v. 17, p. 73-90, 2015.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Trad.: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CAMERON, D.; COATES, J. (orgs.). **Women in their speech communities**. Nova York: Longman, 1990.

CAMERON, D. Introduction. In CAMERON, D.; COATES, J. (orgs.), 1990. CAMERON, D.; COATES, J. **Some problems in the sociolinguistic explanation of sex differences**. In: CAMERON, D.; COATES, J. (orgs.), 1990.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory**. Oxford: Blackwell, 1995.

COELHO, R. F. **É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

COELHO, I. Z.; GORSKI, M. E.; SOUZA, C. M. N.; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto. São Paulo, 2015.

ECKERT, P. & McCONNELL-GINET, S. Think practically and look locally. **Annual Review of Anthropology**, vol. 21(21), 461-90, 1992.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Massachusetts, Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P., J. RICKFORD, Eds. **Style and sociolinguistic variation**. Trad. Anna Christina Bentese Renato Rezende. Nova Iorque e Cambridge: Cambridge. University Press, 2001.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder** - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-74.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. **Banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda**: potencialidades e limitações, Alfa, 56: 917-944, 2012.

GAMEIRO, M. B. **A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio:** uma avaliação de fatores linguísticos e sociais. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

GARCIA, B. L. **Identidade social e atitude linguística:** um estudo da fala de Bonfim Paulista. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

GHESSI, R. R. **Concordância verbal em português:** um estudo sobre atitudes linguísticas em duas escolas públicas de Monte Azul Paulista – SP. 2020. 338 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020.

HONGYU. K.; SANDANIELO, V. L. M., JUNIOR, G. J. O. Análise de Componentes Principais: resumo teórico, aplicação e interpretação. **E&S- Engineering and Science**, Scientific Journal of FAET and ICET UFMT, v. 1, ed. 5, 2015.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução M. Bagno; M. Scherre; C. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEMLE, M. NARO, A. J. **Competências básicas do português.** Rio de Janeiro: Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização/Fundação Ford, 1977.

MENDES, R. B. **Percepção e performance de masculinidades:** efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal. Tese de Livre Docência. 225f. Universidade de São Paulo. 2018

MILROY, L.; GORDON, M. **Sociolinguistics – Method and Interpretation.** Oxford:Blackwell, 2003.

MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. **Políticas da norma e conflitos linguísticos.** São Paulo: Parábola, 2011. p. 49-87.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação:** uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2007.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade:** avaliação e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Doi: 10.11606/T.8.2015.tde-15062015104952.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

R CORE TEAM. “**R: A language and environment for statistical computing.**” R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2013. <http://www.R-project.org/2017>.

RODRIGUES, A. C. S. **A concordância verbal no português popular em São Paulo.** Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

RODRIGUES, A. S. Concordância verbal, sociolinguística e história do português brasileiro. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 4, n.1 (115-145), julho de 2004.

SALOMÃO-CONCHALO, M. H. **A variação estilística na concordância verbal nominal e verbal como construtora de identidade social**. Tese (doutorado)- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2015

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 239-264.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SEVERO, G. G. **O papel do gênero/sexo nos estudos sociolingüísticos de variação/mudança**. Revista de Letras, Curitiba, v.8, p.01-08, 2006.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VELOSO, R.. As três ondas da Sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: XVII **Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL)**, João Pessoa. Estudos Linguísticos e Filológicos, 2014, p. 1740-1749.

VIEIRA, S. R.; PIRES, J. C. P. Padrões variáveis de concordância verbal em redações de vestibular: restrições e avaliação. **Matraga**, v 19, n.30, Rio de Janeiro, 2012, p. 168-185.

APÊNDICE

TESTE DE ATITUDE (Aplicado aos alunos do 3º ano do EM)

PARTE I: PERFIL SOCIAL

Informante: A- _____ (preenchimento do pesquisador)

Qual sua idade? _____

Qual seu gênero? () masculino () feminino () outro

Série _____

Escola: _____

Você nasceu na cidade de Monte Azul Paulista- SP? Sim _____ Não _____

Caso não tenha nascido em Monte Azul Paulista, há quanto tempo reside na cidade? _____

Qual bairro que você reside?

Qual a profissão do seu pai? _____

Qual a profissão da sua mãe? _____

Você gosta de Língua Portuguesa? Justifique.

PARTE II: Atitudes Linguísticas

Observe os fragmentos abaixo:

- (I) *Eles permaneceram lá por 45 dias e passaram por muitos lugares, muitas cidades e conheceram um pouco da cultura de cada um. É claro que eles perceberam que muitas coisas são diferentes dos costumes que temos aqui no Brasil, mas, mesmo assim ficaram encantados com tudo o que puderam presenciar naqueles lugares.* [Retirado da pesquisa de IC fomentado pela FAPEMIG, 2016]¹⁷
- (II) *Chegando em seu destino, desceram e prosseguiu até a casa da amiga. Chegando lá todos sentou e conversou, até que a mãe de sua amiga lhe ofereceram para eles*

¹⁷ Tais fragmentos foram retirados de redações de alunos de escola pública da cidade de Uberaba- MG, recolhidas na pesquisa de iniciação científica (IC), financiada pela FAPEMIG/BIC, intitulada “Padrões variáveis de concordância verbal de terceira pessoa do plural em redações escolares do 3º ano do Ensino Médio da cidade de Uberaba”. Aprovado pelo Comitê de Ética (Protocolo 2112) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

almoçar. Todos almoçou, lavou às louças, então decidiram ir todos para a casa.
[Retirado da pesquisa de IC fomentado pela FAPEMIG, 2016]

- a) É possível identificar se os trechos são escritos por pessoas diferentes? Justifique.
- b) É possível ver diferenças entre os dois trechos? Aponte algumas.
- c) Indique a impressão que os fragmentos lhe causaram, delineando o perfil dos autores.

Quando lemos um texto formamos impressões sobre o autor. É o que provavelmente acontecerá com você quando ler os trechos que lhe serão apresentados abaixo. Você deverá indicar a impressão que os fragmentos lhe causaram, delineando o perfil dos autores.

ATENÇÃO!!!

A sua resposta deve ser dada da seguinte maneira: atribua uma nota variando de 6 a 1, em relação às qualidades expressas pelos adjetivos que estão relacionados. Você tem onze adjetivos, cada um deles seguido de seis notas. Você deve assinalar a nota que você deseja atribuir aos autores dos trechos.

Eis um exemplo:

Se você acha que o autor do trecho é **MUITO** competente

a) (6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)

Se você acha apenas competente

b) (6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)

Se você acha **MAIS OU MENOS** competente

c) (6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)

Se você acha **POUCO** competente

d) (6) : (5) : (04) : (3) : (2) : (1)

Se você acha apenas o autor incompetente

e) (6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)

Se você acha o autor **MUITO** incompetente

f) (6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)

AUTOR DO FRAGMENTO (I)

Competente	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Inteligente	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Rico(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Analfabeto(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Burro(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)

Caipira	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Desempregado(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Boa pessoa	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Honesto(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Bonito(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Confiante	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)

AUTOR DO FRAGMENTO (II)

Competente	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Inteligente	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Rico(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Analfabeto(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Burro(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Caipira	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Desempregado(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Boa pessoa	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Honesto(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Bonito(a)	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)
Confiante	(6) : (5) : (4) : (3) : (2) : (1)